

# DESEMPREGO DE JOVENS NO BRASIL

## I. Introdução

O desemprego é visto por muitos como um grave problema social que vem afetando tanto economias desenvolvidas como em desenvolvimento. Podemos dizer que os índices de desemprego representam a falta de capacidade da economia de um país em prover ocupação produtiva para todos que a desejam. Nas últimas décadas, houve uma deterioração do mercado de trabalho em todo o mundo, com o aumento da taxa de desemprego e diminuição da taxa de emprego (Korenman & Neumark, 1997).

O emprego e o desemprego dos jovens são questões que vêm sendo objeto de preocupação crescente por parte dos governos e da sociedade como um todo. Nossa contribuição será mostrar a concentração do desemprego dos jovens e analisar seus determinantes. Com esse conhecimento, pode-se desenhar políticas de longo prazo e programas sociais de suporte. Ou seja, o conhecimento da estrutura do desemprego juvenil e seus determinantes permite identificar o perfil dos trabalhadores desempregados e integrá-los ao mercado, melhor focando políticas de geração de emprego.

A taxa de desemprego juvenil é, e sempre foi, mais alta que a de adultos e idosos, não só no Brasil, como em todo o mundo, e, mesmo em períodos que apresentam crescimento econômico e queda dos níveis de desemprego global, o desemprego juvenil não diminui, pelo menos na mesma proporção, sendo também comum a sua expansão exatamente nestes períodos.

É nessa faixa etária que se concentra a maior parte das pessoas que procuram incorporar-se ao mercado de trabalho pela primeira vez. Um argumento recorrente é que a causa do alto desemprego juvenil está na dificuldade do jovem em conseguir o primeiro emprego (alguns estudos insistem em destacar características próprias da juventude, como a procura por ocupações incompatíveis com sua qualificação e/ou necessidades do mercado). Outro argumento associa o alto desemprego a um sistema de educação inadequado diante das exigências do mercado de trabalho e a uma incapacidade de muitos jovens permanecerem na escola. Quanto maior o nível de escolaridade, maior o tempo de procura de emprego porque as exigências dos jovens passam a ser maiores, e, desse modo, o elevado desemprego juvenil, para alguns analistas, seria um resultado quase natural, uma vez que é longo o tempo de busca de uma inserção estável no mercado de trabalho (Centerfor/OIT, 1997, apud Madeira & Rodrigues, 1998). Então, não faz sentido dizer que o aumento da escolaridade do jovem não está resolvendo o problema do desemprego juvenil. A importância da formação dos recursos humanos não teria relação alguma com a questão do desemprego em geral, e sim seu papel estaria em atuar sobre os níveis de produtividade e contribuir para o desenvolvimento da economia. Outros estudos, como o de Silva (2001), destacam atitudes preconceituosas, como a opção, por parte dos empresários, por trabalhadores adultos, que somam experiência e hábitos de trabalho mais sedimentados, o que seria mais um obstáculo para a colocação do jovem no mercado de trabalho, principalmente para a obtenção do primeiro emprego.

Diante dessas considerações, temos as possíveis justificativas para o desemprego juvenil. Porém, não conseguimos identificar qual segmento dessa categoria<sup>1</sup> faz com que esse desemprego seja tão elevado, e em qual situação ele se encontra<sup>2</sup>. O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura do desemprego juvenil (de 14 a 24 anos de idade), e procurar identificar os determinantes da tão elevada taxa de desemprego dessa categoria. Para tal, verificaremos empiricamente o que acontece no caso brasileiro,

---

<sup>1</sup> Dividiremos a categoria dos jovens em dois segmentos: os jovens que estão em busca do primeiro emprego, e os jovens que já trabalharam antes da pesquisa.

<sup>2</sup> Neste estudo, o jovem pode encontrar-se e transitar por três estados do mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil<sup>3</sup>, de 1983 a 2002.

Além desta introdução, o trabalho está dividido em mais quatro seções. A segunda traz uma rápida revisão da literatura nacional e internacional. Na terceira seção, faremos uma decomposição da taxa de desemprego de jovens, adultos e idosos, baseada em um modelo de contratação, e, assim, veremos qual componente, a duração do desemprego ou a taxa de entrada no desemprego (rotatividade), faz com que essas três categorias sejam diferentes uma da outra. Uma vez com esse resultado, faremos uma nova decomposição deste componente somente para a categoria de jovens, separando a parte que é explicada pelos jovens que já trabalharam antes da pesquisa e a parte que é explicada pelos jovens que nunca trabalharam e estão em busca do primeiro emprego. Na quarta seção, apresentaremos as probabilidades de transição, e as taxas de desemprego associadas a elas, entre os três estados do mercado de trabalho, de jovens e adultos. Testaremos como seria a reação da taxa de desemprego caso as probabilidades do jovem fossem iguais às do adulto, e vice-versa, fazendo substituições nas respectivas matrizes de transição. Então, poderemos responder a seguinte questão: será mesmo a dificuldade em obter o primeiro emprego que faz com que os jovens apresentem uma taxa de desemprego tão alta, ou será a alta rotatividade no mercado de trabalho juvenil? Caso o motivo estiver associado ao primeiro emprego, isso pode ser considerado um problema passível de intervenção governamental. Entretanto, o principal motivo pode ser, simplesmente, a maior taxa de transição do emprego para o desemprego, ou seja, o jovem entra e sai de um emprego em um curto período de tempo. Finalmente, a quinta seção apresenta a conclusão deste trabalho, com uma discussão a respeito do primeiro emprego.

## II. Revisão da Literatura

Os jovens apresentam uma taxa de desemprego elevada e muito maior que a de trabalhadores mais velhos, e isso acontece em todo o mundo. Estudos sobre a questão do desemprego juvenil são mais freqüentes na literatura internacional. Parte desses trabalhos detêm-se aos programas de combate ao desemprego em cada país, e seus respectivos resultados. Entre eles, estão os trabalhos de Burgess et al. (1998) e Fougère et al. (2000).

Há estudos que procuram medir a contribuição de mudanças na estrutura populacional para as mudanças no mercado de trabalho de jovens. Um desses trabalhos é o de Korenman & Neumark (1997), o qual conclui que mudança na população não tem muito efeito a fim de reduzir os problemas de emprego nas economias desenvolvidas. Para os Estados Unidos, Shimer (1999) chega a um resultado de que um aumento na parcela de jovens reduz tanto a taxa de desemprego juvenil quanto a de adultos, sendo uma possível explicação a migração de trabalhadores jovens para os estados com baixas taxas de desemprego (implicando em uma maior rotatividade por parte dos jovens). Já Blanchflower & Freeman (2000) constata que, apesar da participação dos jovens na população ter caído na maioria dos países, da oferta de emprego ter se direcionado aos setores que empregavam relativamente muitos jovens, e do crescente número de jovens que se dedicam apenas a estudar, a situação do jovem no mercado de trabalho piorou em relação ao adulto: salários e taxas de emprego caíram, e as taxas de desemprego subiram em todos os países, embora muitos esperassem que os problemas do jovem acabassem quando a geração “baby boom” se tornasse mais velha e em seu lugar entrasse um menor número de jovens.

Alguns trabalhos entram mais especificamente na questão do primeiro emprego. Lassibille et al. (2001) analisam a entrada dos jovens no mercado de trabalho focando, por um lado, a duração do desemprego depois de completo o período escolar, e, por outro, a transição entre o estudo e o trabalho. Eles comparam os jovens que deixaram a escola antes de ingressar em uma faculdade e os que têm nível superior; concluem que estes últimos têm menor dificuldade em achar o primeiro emprego.

---

<sup>3</sup> As seis principais regiões metropolitanas no Brasil são: São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador.

Outros estudos procuram explorar a abordagem que leva em consideração as causas da alta taxa de desemprego enfrentada pelos jovens. Nessa linha de estudo, para os Estados Unidos, podemos citar o trabalho de Clark & Summers (1982), onde fazem uma análise da dinâmica do desemprego juvenil, e levantam duas explicações principais: a visão da rotatividade enfatiza movimentos frequentes de entrada e saída do emprego; uma segunda visão sugere que o problema real é a falta de vagas de emprego (grande parte do desemprego juvenil deve-se a um grupo relativamente pequeno de jovens que apresenta dificuldade em achar trabalho e sofre longos períodos sem emprego, a maioria dos períodos de desemprego são curtos devido às altas taxas de desistência da força de trabalho, e não devido ao encontro de emprego). Outro trabalho é o de Leighton & Mincer (1979), que mostra que, para jovens, a rotatividade é maior que a duração (com adultos ocorre o contrário), concluindo que o desemprego cai com a idade não por causa da idade, mas devido ao tempo de experiência em um emprego (é por ter pouco tempo de emprego que o jovem tem uma incidência maior no desemprego). Conclusões essas que também são apontadas por Freeman (1979) e Fisher (2001).

Apesar da maior atenção dada à questão do desemprego nos últimos anos, na literatura sobre o mercado de trabalho brasileiro, poucos são os estudos sobre a estrutura do desemprego dos jovens, apesar das altas taxas de desemprego que esta categoria sempre apresentou. Recentemente, a estrutura do desemprego e seus determinantes começaram a ser mais estudados. Alguns destes trabalhos são de Bivar (1993); Corseuil (1994); Corseuil et al. (1996); Rocha (1993); Barros et al. (1997); Fernandes & Picchetti (1999); Menezes-Filho & Picchetti (2000) e Avelino (2001). Especificamente sobre os jovens, mas não necessariamente sobre sua estrutura do desemprego, podemos citar Sarriera et al. (2000); Corseuil et al. (2001) e Silva (2001), além de duas coletâneas publicadas pela Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD) (1998).

Em seu trabalho sobre a estrutura do desemprego no Brasil, Barros et al. (1997) investigam a incidência e a duração do desemprego ao longo de seis dimensões, sendo uma delas a idade. Seus resultados mostram a categoria de adolescentes com altas taxas de desemprego, baixas durações médias, elevada probabilidade de entrada no desemprego e alta rotatividade. A taxa de desemprego cai com a idade, fato associado a uma queda na probabilidade de entrada no desemprego ou a um crescimento na probabilidade de saída do desemprego, ou a ambos. Resultados esses que são semelhantes, no que refere-se à idade, aos de Fernandes & Picchetti (1999), que analisam a estrutura do desemprego para o Brasil metropolitano, entre diferentes dimensões sócio-econômicas da população. A alta rotatividade do jovem também foi encontrada no trabalho de Menezes-Filho & Picchetti (2000), que fazem uma análise dos determinantes da duração do desemprego, e usam, entre outras variáveis, a idade, se a pessoa já havia trabalhado alguma vez, e o tempo do último emprego. Outros resultados foram que aqueles que já trabalharam têm probabilidade de continuarem desempregados inferior aos que estão procurando pela primeira vez; e que, quanto maior a idade, maior o tempo de duração esperado de desemprego.

Neste trabalho, nossa intenção é procurar explorar as causas da alta taxa de desemprego enfrentada pelos jovens no Brasil, analisando seus determinantes, e, como em Clark & Summers (1982), fazendo uma análise da dinâmica do desemprego juvenil, porém, com uma investigação mais aprofundada das matrizes de transição. Enquanto eles analisam até as probabilidades de transição, nós vamos além analisando as frações de tempo que o indivíduo em cada estado do mercado de trabalho e as taxas de desemprego geradas por elas. Depois, ainda vamos recalcular essas taxas de cada categoria, substituindo uma de cada vez nas matrizes, as probabilidades de transição da outra categoria. Desse modo, poderemos avaliar onde se encontra o problema do desemprego dos jovens no Brasil.

### **III. Fluxos de Emprego e Desemprego**

Nesta seção, o objetivo é analisar a estrutura do desemprego dos jovens, entre os anos de 1983 e 2002, em seis regiões metropolitanas do Brasil, com base nos dados da PME. Baseando em um modelo de contratação, vamos decompor a taxa de desemprego em dois determinantes, duração média e taxa de

entrada no desemprego, das três categorias, jovens, adultos e idosos. Por uma questão de simplificação, consideraremos apenas dois estados do mercado de trabalho, emprego e desemprego. Com isso, teremos o que diferencia as categorias e faz com que o desemprego juvenil seja mais elevado que a de adultos e idosos. Assim, usando somente a categoria dos jovens, faremos a decomposição desse determinante em um componente que leva em consideração apenas jovens que já trabalharam e um que considera apenas os que estão à procura do primeiro emprego. Com esses resultados, teremos qual dessas sub-categorias dos jovens é mais responsável pelo alto desemprego juvenil brasileiro.

## Fonte de Dados

A base de informações utilizada nesse estudo, como já mencionado anteriormente, será a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), realizada nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil, entre os anos de 1983 e 2002<sup>4</sup>. A PME adota um esquema de rotação de painéis. Um painel equivale a um conjunto de domicílios selecionados e é dividido em quatro partes ou remessas correspondentes cada qual a uma semana do mês. A rotação de painéis estabelece que, a cada mês, seja substituída uma das remessas. Por esse esquema, se em um determinado mês for aplicado um dado painel, no mês seguinte será aplicado apenas 75% do seu todo, entrando  $\frac{1}{4}$  do painel seguinte, e assim sucessivamente. Assim, há uma garantia de que 75% dos domicílios são comuns a dois meses consecutivos. Por outro lado, um painel será investigado por quatro meses consecutivos, descansa nos oito meses subseqüentes e retorna para outro período de quatro meses, sendo, então, definitivamente excluído. Desse modo, a cada par de anos, 100% da amostra se repete.

Aqui, consideramos apenas a primeira entrevista de cada indivíduo, desde que este estivesse empregado ou desempregado, gerando uma amostra composta por 1.697.260 observações, no total das seis regiões e dos vinte anos considerados, onde 60% são homens e 40% são mulheres, 27% jovens, 70% adultos e 3% idosos. A idade média dos jovens na amostra é de 20 anos, a dos adultos é de 38, e a de idosos é de 66 anos.

Para este estudo, a população economicamente ativa será definida como a população com 14 anos de idade ou mais que trabalhava (emprego) ou procurava trabalho na semana de referência da pesquisa (desemprego). Como desempregados serão incluídos aqueles que não tiveram trabalho na semana de referência, mas que procuravam trabalho nesta semana. A duração do desemprego será entendida como o número de meses de desemprego decorrido até a data de referência da pesquisa. Dividiremos essa amostra da população nas seguintes categorias: jovens (de 14 a 24 anos de idade), adultos (de 25 a 59 anos de idade) e idosos (com mais de 60 anos de idade).

## Metodologia

Nesta seção, nosso foco são os fluxos entre emprego e desemprego, ou seja, ainda não será levada em consideração a inatividade. Na próxima seção, apresentaremos um quadro mais completo do mercado de trabalho juvenil, onde examinaremos os movimentos de entrada e saída da força de trabalho, com os três estados do mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

Para fazer a análise da duração média e da taxa de entrada no desemprego, a idéia, aqui, baseia-se na função contratação<sup>5</sup>. Serão utilizados três indicadores básicos: a taxa de desemprego de estado estacionário para a categoria; a taxa de entrada no desemprego da categoria (que será a taxa na qual as pessoas deixam o emprego para o desemprego); e a duração média do desemprego para os desempregados da categoria (que será, em estado estacionário, o tempo médio para aquele que entra no desemprego e permanece lá). Em estado estacionário, é conveniente pensar a taxa de desemprego como:

---

<sup>4</sup> Para o ano de 2002, os dados se restringem apenas aos seis primeiros meses do ano (janeiro a junho).

<sup>5</sup> Para uma explicação mais detalhada, ver Layard et. al. (1991).

Taxa de desemprego = Taxa de entrada x Duração média.

Neste estudo, consideraremos a taxa de desemprego ( $U/N$ ) de uma dada categoria como a razão entre o número de pessoas desempregadas ( $U$ ) e o número de pessoas empregadas ( $N$ ), seguindo a metodologia adotada por Layard et. al. (1991). A taxa de entrada no desemprego ( $S/N$ ) será a razão entre o número de pessoas que estavam desempregadas por um mês ou menos ( $S$ )<sup>6</sup> e o número de pessoas empregadas. E, a duração média do desemprego ( $U/S$ ) será a razão entre o número de pessoas desempregadas e o número de pessoas que estavam desempregadas por um mês ou menos. Portanto,

$$\frac{U}{N} \equiv \frac{S}{N} \cdot \frac{U}{S} \quad (1)$$

Layard et al. (1991) apresentam a decomposição da taxa de desemprego e suas variações para os Estados Unidos e Inglaterra. Para os Estados Unidos, as variações no desemprego se devem tanto à duração média quanto à taxa de entrada. Já para a Inglaterra, elas se devem principalmente à duração.

Barros et al. (1997) também assumem a distribuição de tempo como exponencial. Assim, existiriam duas razões que levariam a que a duração média dos episódios completos fosse diferente da duração média dos episódios em andamento até o momento da pesquisa. A primeira é que a duração média dos episódios em andamento subestima a duração dos episódios completos uma vez que parte da duração destes não é computada, ou seja, há uma interrupção dos episódios de desemprego. A segunda razão é que a amostra de desempregados em um ponto no tempo tende a super-representar os episódios de longa duração, por estarem em andamento no momento da pesquisa, o que leva a uma superestimação da duração média. Porém, quando a distribuição da duração dos episódios é exponencial, estes dois efeitos se cancelam.

Faremos, primeiramente, uma decomposição da taxa de desemprego em duração e taxa de entrada no desemprego de jovens, adultos e idosos, e a questão abordada será qual desses componentes diferencia a taxa de desemprego dos jovens, fazendo com que ela seja mais alta, a duração ou a taxa de entrada no desemprego (rotatividade no mercado de trabalho juvenil). Em seguida, será feita a decomposição da taxa de entrada no desemprego juvenil em jovens que buscam o primeiro emprego e jovens que já trabalharam antes (transição do emprego para o desemprego), explicitando, assim, o quão importante é a questão da “dificuldade” em se achar o primeiro emprego para explicar uma taxa de desemprego juvenil tão alta.

## Resultados

As estimativas anuais para os indicadores utilizados (taxa de desemprego, taxa de entrada e duração média no desemprego) para cada categoria investigada (jovem, adulto e idoso), em cada uma das seis regiões metropolitanas, mostram que a taxa de desemprego dos jovens, nesse período de vinte anos, foi sempre maior e menos estável que a de adultos e idosos. Como ilustração, na Tabela 1, temos a média desse período de cada indicador<sup>7</sup> para a região metropolitana de São Paulo.

---

<sup>6</sup> Quando consideramos a entrada no desemprego igual a saída no desemprego, temos o estado estacionário. A saída do desemprego, aqui, é identificada como uma contratação, e isso ignora dois problemas. Primeiro, muitas pessoas são contratadas já estando empregadas, e não necessariamente desempregadas. Outras vêm direto de fora da força de trabalho. Segundo, muitas das pessoas que deixam o desemprego saem da força de trabalho, principalmente jovens.

<sup>7</sup> Além da taxa de desemprego, taxa de entrada no desemprego e duração média, apresentamos mais uma estimativa de duração média do desemprego. A primeira segue o modelo acima descrito, onde a duração média é a razão entre o número de desempregados e o número de pessoas que entraram no desemprego em um mês ou menos ( $U/S$ ). A segunda é resultado da razão entre a soma da duração do desemprego de cada indivíduo desempregado e o número total de desempregados, que é maior que a primeira, possivelmente porque os indivíduos podem superestimar o tempo que eles estão desempregados.

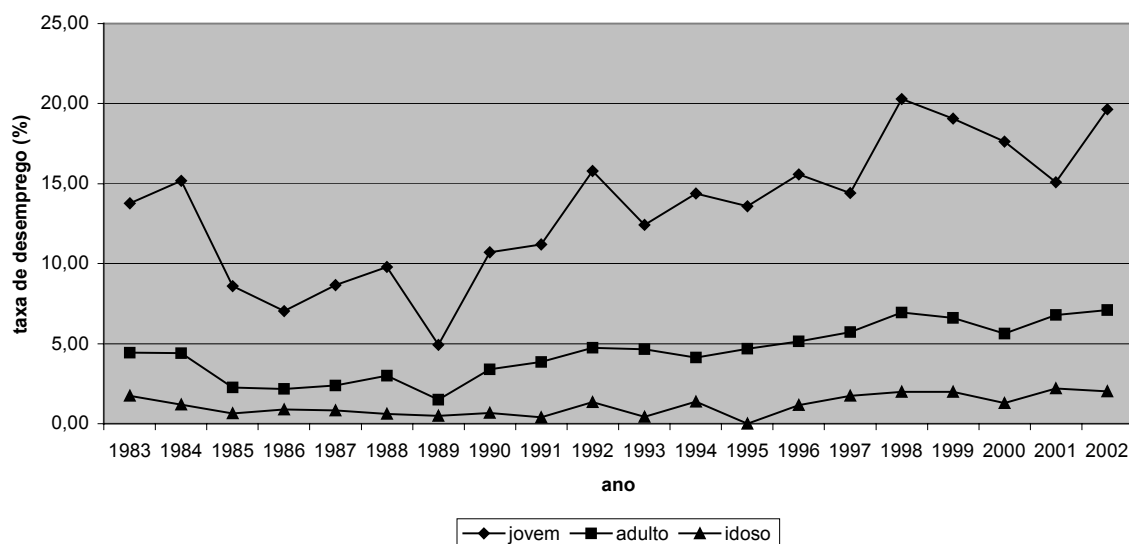
**TABELA 1 – Média das taxa de desemprego, taxa de entrada, duração média completa e incompleta do desemprego, segundo faixa etária, região metropolitana de São Paulo, de 1983-2002**

<i>Categoria</i>	<i>taxa de desemprego (U/N) (%)</i>	<i>taxa de entrada no desemprego (S/N) (%)</i>	<i>duração média completa do desemprego (estado estacionário) (U/S) (meses)</i>	<i>duração média incompleta do desemprego (corrente) (meses)</i>
<i>JOVEM</i>	13,39	3,73	3,59	4,31
<i>ADULTO</i>	4,48	1,09	4,11	4,61
<i>IDOSO</i>	1,15	0,26	4,42	6,64

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

Esse fato fica claro no gráfico abaixo, que faz essa comparação entre as taxas de desemprego de cada categoria, para a região metropolitana de São Paulo, lembrando que as outras cinco regiões seguem a mesma tendência. Percebemos a magnitude do problema do desemprego dos jovens no Brasil quando observamos que nas regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a taxa de desemprego juvenil é o triplo da taxa de desemprego dos adultos, chegando a ser quatro vezes maior em alguns anos; e nas regiões metropolitanas de Recife e Salvador, ela varia de duas a três vezes a de adultos (a não ser nos anos de 1999 e 2000 em Salvador, quando a taxa de desemprego dos jovens cai muito e fica abaixo da taxa de adultos).

**Gráfico 1 - Taxa de desemprego segundo faixa etária - São Paulo**

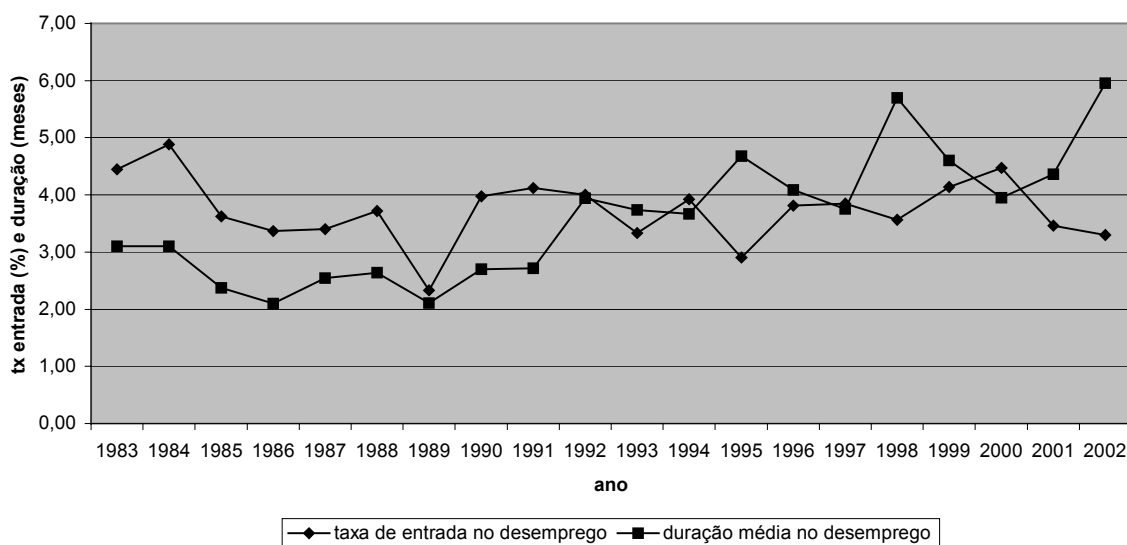


Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

A decomposição da taxa de desemprego em taxa de entrada e duração média do desemprego, será melhor analisada com o auxílio dos gráficos abaixo, que apresentam os resultados para as categorias jovem e adulto, na região metropolitana de São Paulo. Os resultados para o idoso assemelham-se muito aos para o adulto, a diferença é que a taxa de entrada de idosos no desemprego é mais baixa, mas a tendência é a mesma. Do mesmo modo, as outras cinco regiões metropolitanas apresentam a mesma

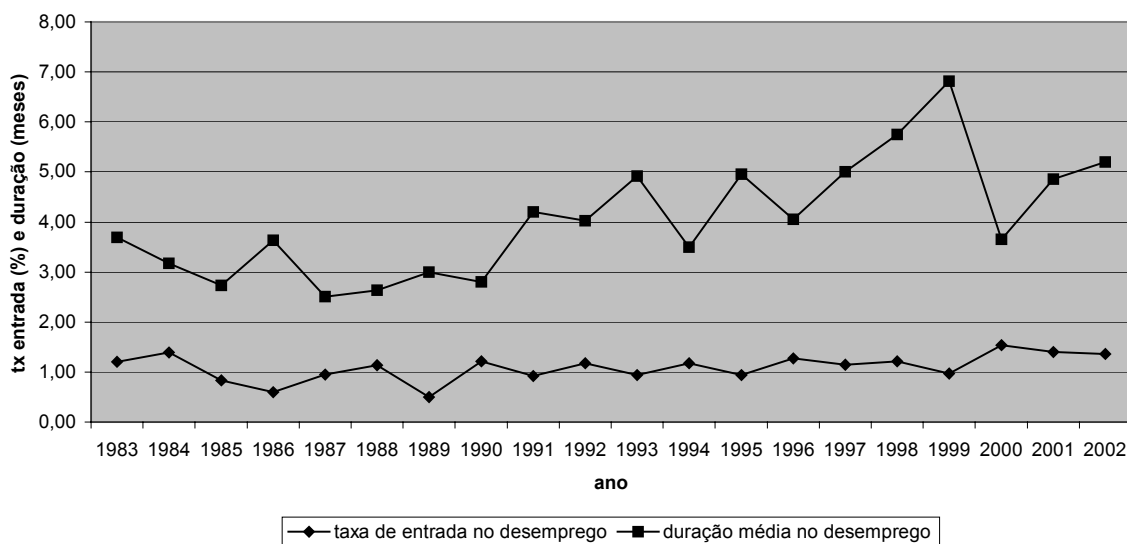
tendência que a de São Paulo. Verificamos, então, que, independente da região, a taxa de entrada no desemprego de adultos e idosos é baixa e a duração média, alta. Portanto, o principal responsável pela magnitude da taxa de desemprego, dessas duas categorias, é a duração média do desemprego. Para os jovens, essa diferença não se verifica, ambas as medidas contribuem praticamente com igualdade para a alta taxa de desemprego juvenil. Porém, a duração média dos jovens é tão alta quanto a dos adultos e idosos, enquanto a taxa de entrada no desemprego é maior.

**Gráfico 2 - Taxa de entrada e duração média no desemprego - jovem/SP**



Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

**Gráfico 3 - Taxa de entrada e duração média no desemprego - adulto/SP**



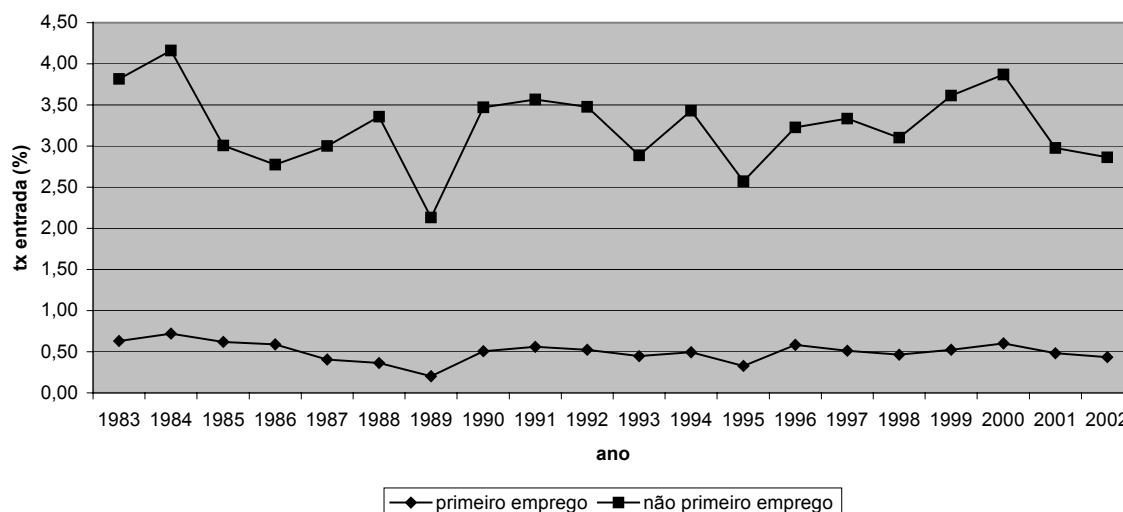
Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

Desse modo, concluímos que o que diferencia a taxa de desemprego de jovens da taxa de adultos e de idosos é a taxa de entrada no desemprego, uma vez que a duração média do desemprego para as três categorias é muito parecida, e a taxa de entrada de jovens no desemprego é bem maior que a das outras

duas categorias. Assim, o próximo gráfico mostra a decomposição da taxa de entrada no desemprego<sup>8</sup>, de modo a evidenciar quanto desta taxa ( $S/N$ ) cabe aos jovens que estão procurando o primeiro emprego ( $S_p/N$ ), e quanto cabe aos jovens que tiveram empregos anteriores ( $S_{np}/N$ ), ou seja:

$$\frac{S}{N} = \frac{S_p}{N} + \frac{S_{np}}{N} . \quad (2)$$

**Gráfico 4 - Taxa de entrada no desemprego de jovens segundo procura por emprego - SP**



Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

O gráfico deixa claro que a taxa de entrada no desemprego dos jovens que já trabalharam antes é bem maior do que a dos que estão em busca do primeiro emprego. Os resultados mostram que: na região metropolitana de São Paulo (acima), pouco mais de 10% dos jovens que entram no desemprego, nesse período estudado, estão à procura do primeiro emprego, enquanto mais de 80% deles já tiveram empregos anteriormente; em Belo Horizonte e Porto Alegre, apenas 10 a 20% dos jovens que entram no desemprego nunca trabalharam; na região metropolitana de Recife esse número fica entre 15 a 30%; e, nas regiões do Rio de Janeiro e Salvador, 10 a 30% desses jovens que entram no desemprego, no período, procuram pelo primeiro emprego.

Com esses resultados, sendo a taxa de entrada no desemprego o principal determinante pela elevada taxa de desemprego juvenil brasileiro, podemos concluir que a parcela de jovens que já trabalharam antes da realização da pesquisa é a principal responsável, entre os jovens, pela alta taxa de entrada no desemprego. Logo, a outra parcela, a de jovens que procuram o primeiro emprego, não tem muita influência nessa elevada taxa de desemprego juvenil.

O que temos, então, é que a alta taxa de entrada no desemprego juvenil significa uma alta taxa de rotatividade (freqüente entrada e saída do desemprego) entre os jovens no mercado de trabalho brasileiro. E, apesar de não ser nossa intenção avaliar a importância dos principais determinantes da taxa de rotatividade, neste estudo, é interessante ressaltar que a questão da rotatividade da mão-de-obra, segundo Barros, et al. (1997), responde a fatores econômicos e institucionais:

<sup>8</sup> Novamente, como ilustração, temos a taxa média de entrada no desemprego dos jovens ( $S/N$ ), no período na região metropolitana de São Paulo, sendo de 3,73%. E, quando decomposta, a taxa média de entrada do jovem que procura o primeiro emprego ( $S_p/N$ ) é de 0,50%, enquanto a taxa média de entrada do jovem que já trabalhou anteriormente ( $S_{np}/N$ ) é de 3,23%.



*“... Do ponto de vista puramente econômico, quanto maior a instabilidade da demanda pelo produto de um dado setor e quanto menor o custo de treinamento de um certo tipo de trabalhador maior será a taxa de rotatividade. Além disso, quanto menos informação tiverem os trabalhadores sobre as firmas e vice-versa, (...) maior será a taxa de rotatividade. Do ponto de vista institucional, por um lado, as demissões são freadas por elevados custos de demissão e incentivadas por dispositivos institucionais (...) que por vezes requerem que os salários cresçam a taxas maiores que a produtividade. Por outro lado, os desligamentos voluntários ou induzidos são estimulados por dispositivos institucionais (como o FGTS e o seguro-desemprego) que fazem com que o custo do desligamento para o trabalhador decline com a duração da relação de trabalho. ...”*  
(Barros, et al., 1997, p. 28)

É importante lembrar que, nesta seção, consideramos apenas os indivíduos empregados e desempregados, sem levar em consideração os inativos, e que Clark & Summers (1982) criticam essa visão do desemprego juvenil como resultado de altas taxas de rotatividade, por não considerar os movimentos de entrada e saída da força de trabalho. Desse modo, na próxima seção, analisaremos, de forma mais completa, a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro, utilizando os movimentos de transição entre os três estados do mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

#### **IV. Fluxos de Entrada e Saída da Força de Trabalho**

Na seção anterior, chegamos à conclusão que a elevada taxa de desemprego dos jovens é causada pela alta taxa de entrada no desemprego da parte dos jovens que já tiveram empregos anteriores, significando uma alta taxa de entrada e saída do emprego. Porém, Clark & Summers (1982) criticam essa visão do desemprego juvenil como resultado da alta rotatividade, pois “sob essa visão, o desemprego juvenil não é devido a poucos empregos para os jovens. Ao invés disso, ocorreria porque os jovens... são incapazes de segurar seus empregos por muito tempo. Essa visão da rotatividade foca nos fluxos entre desemprego e emprego. Menos atenção é dada aos movimentos de entrada e saída da força de trabalho...”. Desse modo, nesta seção, apresentaremos um retrato mais detalhado, examinando os movimentos dos indivíduos da amostra entre os três estados do mercado de trabalho (emprego, desemprego e inatividade). A divisão desses fluxos brutos pelo tamanho do grupo leva a estimativas das probabilidades de transição mensais médias (a proporção de pessoas em cada estado do mercado de trabalho que deixa esse estado e rumo para outro até o mês seguinte).

Adotaremos uma metodologia baseada em Clark & Summers (1990), onde serão calculadas, para jovens e adultos, as probabilidades de transição entre os estados<sup>9</sup> e a fração de tempo gasto em cada um dos estados. Com isso, obteremos as taxas de desemprego de cada categoria. E, para podermos avaliar onde se encontra o problema da elevada taxa de desemprego dos jovens no Brasil, recalcularemos as taxas de desemprego de estado estacionário de cada uma das duas categorias, substituindo uma de cada vez, nas matrizes de transição, as probabilidades de transição da outra categoria. Por exemplo, usando a matriz dos jovens, substituímos a primeira linha, ou seja, as probabilidades de transição do emprego para os três estados, pela primeira linha da matriz dos adultos; assim, temos como seria o comportamento da taxa de desemprego dos jovens, caso eles tivessem as mesmas probabilidades dos adultos.

No que se refere ao mercado de trabalho, torna-se indispensável conhecermos os fluxos dos trabalhadores entre as categorias, movimentos estes que se dão de forma dinâmica, todos simultaneamente, mesmo que não na mesma intensidade, esteja a economia em crescimento ou não. A taxa de desemprego de uma categoria poderia ser mantida elevada se seus membros têm dificuldades em

---

<sup>9</sup> Como estamos usando três estados do mercado de trabalho, nove fluxos mensais são calculados para cada categoria.

encontrar emprego uma vez que estejam desempregados, porque têm dificuldades (por motivos voluntários ou involuntários) em permanecer empregados uma vez que um emprego seja encontrado ou porque entram e saem freqüentemente da força de trabalho.

A política apropriada a ser adotada dependerá do tamanho relativo desses fluxos mensais de um estado do mercado de trabalho para o outro e de quais fluxos são mais responsáveis pela taxa elevada. Os resultados nos informam sobre a extensão pela qual a alta taxa de desemprego dos jovens é causada pelos valores de cada uma de suas probabilidades de transição. Uma vez que diferentes políticas governamentais provavelmente afetarão diferentes probabilidades de transição, chegar a essas conclusões pode sugerir os tipos de medidas a serem intensificadas ao se buscar a estrutura das taxas de desemprego da população.

## Fonte de Dados

A base de informações utilizada, nesse capítulo, mais uma vez, será a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), para o ano de 2001 nas seis regiões metropolitanas, e para os anos de 1986, 1991 e 1996 apenas para a região metropolitana de São Paulo. Queremos, com isso, descartar a possibilidade de que os resultados sejam válidos apenas para uma das regiões ou que sejam um fato isolado no tempo. Consideramos os dados de duas entrevistas mensais seguidas dos indivíduos, com a intenção de captar suas transições de um estado do mercado de trabalho para outro. Para o cálculo da taxa de desemprego foi usada a segunda das entrevistas de cada indivíduo, do respectivo ano.

Aqui, consideramos apenas as duas primeiras entrevistas do ano de cada indivíduo, gerando uma amostra composta por 235.769 observações, no total das seis regiões no ano de 2001 mais a região metropolitana de São Paulo nos anos de 1986, 1991 e 1996, onde 48% são homens e 52% são mulheres, 31% jovens e 69% adultos. A idade média dos jovens na amostra é de 19, e a dos adultos é de 40 anos.

A população será dividida em duas categorias, jovens (de 14 a 24 anos de idade) e adultos (de 25 a 59 anos de idade), e em três segmentos que mais diretamente dizem respeito ao mercado de trabalho e à própria dinâmica de formação de salários e emprego na economia: empregados –  $e$  (indivíduos ocupados), desempregados –  $u$  (indivíduos desocupados) e inativos –  $n$  (indivíduos em idade ativa, mas fora da força de trabalho).

## Metodologia

Como mencionado anteriormente, a metodologia adotada será baseada no trabalho de Clark & Summers (1990). Apresentaremos os fluxos de entrada e saída do mercado de trabalho. Assumindo que o comportamento individual pode ser caracterizado por uma matriz de probabilidade de transição  $p^i$ , onde  $p_{jk}^i$  é a probabilidade do indivíduo  $i$  estar no estado  $k$  em  $t + 1$ , dado que ele estava no estado  $j$  no período  $t$ , e que  $\pi_j^i$  seja a fração de tempo que o indivíduo  $i$  gasta no estado  $j$ :

$$p^i = \begin{bmatrix} p_{ee}^i & p_{eu}^i & p_{en}^i \\ p_{ue}^i & p_{uu}^i & p_{un}^i \\ p_{ne}^i & p_{nu}^i & p_{nn}^i \end{bmatrix}, \quad \pi^i = \begin{bmatrix} \pi_e^i \\ \pi_u^i \\ \pi_n^i \end{bmatrix} \quad (3)$$

Da matriz de probabilidade de transição  $p^i$ , é possível calcular a proporção do tempo que o indivíduo  $i$  gasta em cada um dos três estados da força de trabalho. O Teorema Básico das Cadeias de Markov diz que qualquer sistema caracterizado por tal matriz alcançará um estado estacionário que é independente de condições iniciais. Esta proporção de estado estacionário em cada estado deve ser achada

como uma função da matriz de transição inteira. A relação entre  $\pi_t$  e  $\pi_{t-1}$  deve ser escrita na forma matricial como:

$$\pi_t = p' \pi_{t-1}. \quad (4)$$

Em estado estacionário,  $\pi_t = \pi_{t-1}$ . Logo, assumindo que as probabilidades de transição entre os estados são independentes do tempo que o indivíduo permanece em um estado particular<sup>10</sup>, e usando a condição de estado estacionário, podemos mostrar que:

$$p^i \pi^i = \pi^i \Rightarrow \begin{bmatrix} p_{ee}^i & p_{ue}^i & p_{ne}^i \\ p_{eu}^i & p_{uu}^i & p_{nu}^i \\ p_{en}^i & p_{un}^i & p_{nn}^i \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \pi_e^i \\ \pi_u^i \\ \pi_n^i \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \pi_e^i \\ \pi_u^i \\ \pi_n^i \end{bmatrix} \quad (5)$$

$$\begin{aligned} \Rightarrow p_{ee}^i \pi_e^i + p_{ue}^i \pi_u^i + p_{ne}^i \pi_n^i &= \pi_e^i \\ \Rightarrow p_{eu}^i \pi_e^i + p_{uu}^i \pi_u^i + p_{nu}^i \pi_n^i &= \pi_u^i \\ \Rightarrow p_{en}^i \pi_e^i + p_{un}^i \pi_u^i + p_{nn}^i \pi_n^i &= \pi_n^i \end{aligned} \quad (6)$$

onde uma equação do sistema linear descrito é uma combinação linear das outras equações. Porém, podemos usar a relação  $\pi_e^i + \pi_u^i + \pi_n^i = 1$ , substituindo em qualquer das equações, e, então, resolver o sistema.

A taxa de desemprego, a fração da força de trabalho que está desempregada, é dada por  $\pi_u/(\pi_u + \pi_e)$ , em estado estacionário, onde as probabilidades da população são iguais às médias das probabilidades individuais. Fazemos, então, uma comparação com a taxa de desemprego efetiva da PME, calculada segundo a fórmula  $U/(U + E)$ , que representa a razão entre o número de pessoas desempregadas e o número de pessoas na força de trabalho no mês (aqui, estamos utilizando a segunda das entrevistas do indivíduo).

Após o cálculo das taxas de desemprego de estado estacionário, para avaliar as diferenças entre as duas categorias, recalculamos essas taxas de uma das categorias substituindo, uma de cada vez, as probabilidades de transição da outra categoria. Por exemplo, quando queremos ver o que aconteceria com a taxa de desemprego do jovem caso suas probabilidades de transição do emprego se comportassem como as do adulto, substituímos a primeira linha da matriz  $p$  do jovem pela primeira linha da matriz  $p$  do adulto, uma vez que cada linha soma um e é independente das outras duas linhas da matriz. Estamos, assim, fazendo com que o jovem que está empregado tenha a mesma probabilidade do adulto de continuar empregado, ficar desempregado ou inativo. O mesmo procedimento será realizado para as outras duas linhas da matriz do jovem e para as três linhas da do adulto.

## Resultados

Apresentaremos, a partir de agora, os resultados referentes somente à região metropolitana de São Paulo, para o ano de 2001, lembrando que eles refletem bem o que acontece nos outros anos e nas outras regiões metropolitanas. As probabilidades de transição mensais entre os três estados do mercado de

<sup>10</sup> Estamos considerando a hipótese de que as transições entre os estados do mercado de trabalho são tratadas como um processo de Markov, no qual o desenvolvimento futuro do processo, dado que está em um estado, depende apenas do estado e não de como o processo chegou a esse estado. O uso das matrizes de transição de Markov envolve a hipótese que as decisões de transição dos indivíduos não dependem do tempo que eles têm estado em um dos estados do mercado de trabalho.

trabalho (emprego, desemprego e inatividade) para as duas categorias demográficas (jovens e adultos) estão apresentadas abaixo, na Tabela 2.

**TABELA 2 – Probabilidades de transição de jovens e adultos, na região metropolitana de São Paulo, no ano de 2001**

<i>TRANSIÇÕES</i>	<i>CATEGORIAS</i>	
	<i>JOVENS</i>	<i>ADULTOS</i>
$P_{ee}^1$	0,899	0,946
$P_{eu}^2$	0,030	0,016
$P_{en}^3$	0,071	0,038
$P_{ue}^4$	0,186	0,261
$P_{uu}^5$	0,493	0,450
$P_{un}^6$	0,321	0,289
$P_{ne}^7$	0,071	0,096
$P_{nu}^8$	0,049	0,034
$P_{nn}^9$	0,880	0,870

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

<sup>1</sup>  $P_{ee}$ : probabilidade de um indivíduo empregado no período  $t$ , continuar empregado em  $t + 1$

<sup>2</sup>  $P_{eu}$ : probabilidade de um indivíduo empregado em  $t$ , ficar desempregado em  $t + 1$

<sup>3</sup>  $P_{en}$ : probabilidade de um indivíduo empregado em  $t$ , sair da força de trabalho em  $t + 1$

<sup>4</sup>  $P_{ue}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , conseguir um emprego em  $t + 1$

<sup>5</sup>  $P_{uu}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , continuar desempregado em  $t + 1$

<sup>6</sup>  $P_{un}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , sair da força de trabalho em  $t + 1$

<sup>7</sup>  $P_{ne}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , entrar na força de trabalho como empregado em  $t + 1$

<sup>8</sup>  $P_{nu}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , entrar na força de trabalho desempregado em  $t + 1$

<sup>9</sup>  $P_{nn}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , continuar inativo em  $t + 1$

Percebemos, de acordo com a tabela, que, quando o jovem encontra-se empregado em  $t$ , ele tem uma grande probabilidade de continuar empregado em  $t + 1$ ; quando desempregado, maiores são as probabilidades de continuar no desemprego, sendo alta também a probabilidade de desistir de procurar emprego e sair do mercado de trabalho<sup>11</sup>; e estando inativo, o jovem tem uma alta probabilidade de continuar inativo.

Comparando essas probabilidades de jovens e adultos, vemos que, se o indivíduo encontra-se empregado, a probabilidade de continuar no emprego é maior quando ele é adulto (94,6%) do que quando é jovem (89,9%); caso o indivíduo esteja desempregado em um determinado mês, ocorre o contrário, a probabilidade dele continuar desempregado no próximo mês é maior se for jovem (49,3% contra 45% do

<sup>11</sup> Segundo Clark & Summers (1982), a alta taxa de saída da força de trabalho entre jovens desempregados sustenta a conclusão de que a procura por emprego, para o jovem, é um processo passivo, no qual o principal elemento é a espera por uma oportunidade de emprego ser apresentada. Os autores argumentam que muitos jovens que deixaram a força de trabalho não teriam feito isso se uma oportunidade de emprego tivesse disponível no mês anterior à desistência.

adulto); no caso da inatividade, a diferença é pequena, porém, a probabilidade de continuar inativo também é maior para o jovem (88% dos jovens continuam inativos contra 87% dos adultos). Estando empregado, a probabilidade do jovem perder o emprego é quase o dobro (3%) da do adulto (1,6%); e a probabilidade do jovem ir do emprego para fora da força de trabalho de um mês para o outro é de 7,1% contra 3,8% do adulto. Encontrando-se desempregado, a probabilidade do jovem estar empregado no próximo mês é bem menor que a do adulto, 18,6% contra é 26,1%; e a probabilidade do jovem desistir e sair do mercado de trabalho 32,1% contra 28,9% do adulto. Finalmente, ao se encontrar fora da força de trabalho, o adulto tem maior probabilidade de entrar diretamente empregado (9,6%) que o jovem (7,1%); e a probabilidade do jovem entrar para o mercado via desemprego é 4,9% contra 3,4% do adulto.

Com esses resultados, concluímos que, independente da idade, em  $t + 1$ , maiores são as probabilidades do indivíduo continuar no mesmo estado em que se encontrava em  $t$ . Estando em qualquer dos três estados em  $t$ , o adulto sempre tem maior probabilidade de estar empregado em  $t + 1$  que o jovem. E, do mesmo modo, em qualquer dos três estados, o jovem tem maior chance que o adulto de encontrar-se desempregado ou inativo no próximo mês.

Vamos, então, mostrar as estimativas para as frações de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho ( $\pi_e$ ,  $\pi_u$ ,  $\pi_n$ ) para jovens e adultos, e suas respectivas taxas de desemprego de estado estacionário e efetiva da PME, na Tabela 3.

**TABELA 3 – Fração de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho e Taxa de desemprego de jovens e adultos, na região metropolitana de São Paulo, ano de 2001**

CATEGORIAS	FRAÇÃO DE TEMPO			TAXA DE DESEMPREGO	
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u / (\pi_u + \pi_e)$ (%)	$U / (U + E)$ (%)
JOVENS	0,461	0,072	0,467	13,5	13,8
ADULTOS	0,681	0,037	0,282	5,2	5,1

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

Para os jovens da amostra, a maior parte do tempo é gasta na inatividade, quase a mesma porcentagem é gasta no emprego, e apenas 7,2% do tempo os jovens estão desempregados. Resultados esses que geraram uma taxa de desemprego de estado estacionário de 13,5%, enquanto a taxa calculada, levando em consideração o número de pessoas ( $U / (U + E)$ ), ou seja, a taxa de desemprego efetiva na PME, foi de 13,8%. Para os adultos, grande parte do tempo eles encontram-se empregados, pouco mais de  $\frac{1}{4}$  do tempo eles estão inativos, e apenas 3,7% é gasta no desemprego, gerando uma taxa de desemprego de estado estacionário de 5,2%, enquanto a taxa efetiva é de 5,1%. Comparando jovens e adultos, temos que os adultos passam mais tempo empregados, e os jovens passam mais tempo desempregados e na inatividade, resultando em uma taxa de desemprego juvenil que é mais que o dobro da do adulto. Taxas de desemprego efetiva e calculada pela matriz tão próximas indicariam que a hipótese forte de Markov não está viesando os resultados.

A partir de agora, vamos realizar o mesmo exercício para achar a fração do tempo que cada categoria gasta em cada estado do mercado de trabalho, porém, ao invés de usar a matriz completa da categoria, vamos substituir, uma de cada vez, as linhas da matriz de uma categoria pela da outra. Primeiramente, usando a matriz de probabilidade de transição dos jovens e substituindo a primeira linha, ou seja, as probabilidades de transição do emprego para os três estados, pela primeira linha da matriz dos adultos, observamos como seria o tempo gasto em cada estado e o comportamento da taxa de desemprego caso o jovem tivesse as mesmas probabilidades de transição do emprego dos adultos; e, do mesmo modo,

usando a matriz dos adultos e substituindo a primeira linha pela dos jovens, observamos como seria o comportamento da taxa do adulto caso tivesse as probabilidades de transição do emprego dos jovens. Os resultados encontram-se na Tabela 4, abaixo:

**TABELA 4 – Fração de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho e Taxa de desemprego de jovens e adultos, substituindo a primeira linha da matriz, de uma categoria pela da outra, na região metropolitana de São Paulo, no ano de 2001**

CATEGORIAS	FRAÇÃO DE TEMPO			TAXA DE DESEMPREGO
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u / (\pi_u + \pi_e)$ (%)
JOVENS	0,615	0,052	0,333	7,8
ADULTOS	0,533	0,055	0,412	9,4

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

Com as probabilidades do adulto, o jovem aumentaria sensivelmente seu tempo no emprego (de 46,1% para 61,5%) e diminuiria o tempo no desemprego (de 7,2% para 5,2%) e na inatividade (de 46,7% para 33,3%); assim como a taxa de desemprego diminuiu quase pela metade (de 13,5% para 7,8%). O adulto, com as probabilidades do jovem, diminuiria seu tempo no emprego (de 68,1% para 53,3%) e aumentaria o tempo no desemprego (de 3,7% para 5,5%) e na inatividade (de 28,2% para 41,2%); a taxa de desemprego quase dobra de valor (de 5,2% para 9,4%). Por enquanto, observamos uma importância significativa da probabilidade de transição do emprego para a determinação da alta taxa de desemprego do jovem e da relativa baixa taxa do adulto.

Da mesma maneira como foi feito na tabela acima, na Tabela 5, substituiremos a segunda linha da matriz de cada categoria pela da outra. Teremos como resultados, o comportamento do jovem caso suas probabilidades de transição do desemprego para os três estados fossem como as do adulto, e o comportamento do adulto com as probabilidades de desemprego do jovem:

**TABELA 5 – Fração de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho e Taxa de desemprego de jovens e adultos, substituindo a segunda linha da matriz, de uma categoria pela da outra, na região metropolitana de São Paulo, no ano de 2001**

CATEGORIAS	FRAÇÃO DE TEMPO			TAXA DE DESEMPREGO
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u / (\pi_u + \pi_e)$ (%)
JOVENS	0,486	0,066	0,448	12,0
ADULTOS	0,664	0,041	0,295	5,8

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

Observamos que essa substituição das probabilidades de transição do desemprego de uma categoria pela da outra não gera uma diferença muito significativa nos resultados, nem para jovens nem para adultos. A taxa de desemprego do jovem cai (de 13,5% para 12%), mas não tanto como foi na substituição anterior, e a do adulto sobe (de 5,2% para 5,8%), mas também não muito. Por esses

resultados, não podemos dizer que a transição do desemprego é tão importante na determinação da magnitude da taxa de desemprego.

Novamente, na Tabela 6, substituiremos a terceira linha da matriz de cada categoria pela da outra. Os resultados mostrarão os comportamentos de jovens e adultos, e suas respectivas taxas de desemprego, caso suas probabilidades de transição da inatividade para os três estados fossem como as da outra categoria:

**TABELA 6 – Fração de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho e Taxa de desemprego de jovens e adultos, substituindo a terceira linha da matriz, de uma categoria pela da outra, na região metropolitana de São Paulo, no ano de 2001**

CATEGORIAS	FRAÇÃO DE TEMPO			TAXA DE DESEMPREGO
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u / (\pi_u + \pi_e)$ (%)
JOVENS	0,514	0,059	0,427	10,3
ADULTOS	0,639	0,047	0,314	6,9

Fonte: Construído com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) para a região metropolitana de São Paulo

De acordo com a tabela acima, vemos uma pequena melhora na taxa de desemprego do jovem, mas ainda alta (de 13,5% para 10,3%), e um aumento na do adulto (de 5,2% para 6,9%). Essa melhora da taxa de desemprego do jovem vem de pequenas variações nas frações de tempo gasto nos estados de mercado de trabalho, com aumento no emprego, e diminuição no desemprego e na inatividade. O aumento na taxa do adulto também é devido a pequenas variações, com diminuição no tempo de emprego e aumento no tempo de desemprego e de inatividade. Apesar dessa substituição (inatividade) gerar uma diferença maior do que a anterior (desemprego), em relação aos resultados originais, ela ainda não é tão significativa como a substituição das probabilidades de transição do emprego.

A partir desses testes, constatamos que a menor probabilidade de continuar empregado, a maior probabilidade de ficar desempregado ou sair da força de trabalho, em relação ao adulto, que o jovem apresenta uma vez empregado, é o principal determinante da sua alta taxa de desemprego. Concluimos, assim, que estando o jovem empregado, o comportamento da transição do emprego para os três estados do mercado de trabalho é o responsável por uma taxa de desemprego tão alta, uma vez que ao substituí-la pelo comportamento dos adultos a taxa de desemprego dos jovens diminuiu sensivelmente; e, tendo a transição do emprego comportando-se como a do jovem, o adulto apresenta uma alta taxa de desemprego. Portanto, mais uma vez, constatamos que o comportamento da transição do emprego para os três estados do mercado de trabalho é fator determinante da taxa de desemprego, independente da categoria considerada. Esse resultado sugere, novamente, que as questões da rotatividade e da responsabilidade dos jovens que já tiveram empregos anteriores, têm grande influência na elevada taxa de desemprego juvenil brasileira.

## V. Conclusão

Entender e saber identificar a dinâmica do desemprego juvenil é muito importante, pois conhecendo sua estrutura e determinantes é possível identificar o perfil dos trabalhadores desempregados e desenhar políticas de geração de emprego que tenham um enfoque mais adequado para integrá-los ao mercado. E, como já foi dito, os índices de desemprego juvenil são muito altos (e superiores aos de

trabalhadores mais velhos) em todo o mundo, o que leva a questão do desemprego juvenil a ser muito debatida nos trabalhos internacionais sobre mercado de trabalho, com exceção do Brasil, onde o tema apresenta poucos estudos.

Recentemente, o emprego e o desemprego dos jovens são questões que vêm sendo objeto de preocupação crescente por parte dos governos e da sociedade como um todo, e nossa contribuição, neste trabalho, foi mostrar a concentração do desemprego dos jovens aqui no Brasil, analisar seus determinantes e sua dinâmica, melhor avaliando, assim, onde se encontra o problema do desemprego juvenil.

Como é nessa faixa etária que se concentra a maior parte das pessoas que procuram incorporar-se ao mercado de trabalho pela primeira vez, um dos argumentos para a causa do elevado desemprego é que o jovem tem dificuldade em conseguir o primeiro emprego. Mas, na terceira seção deste trabalho, mostramos que a duração do desemprego de jovens e de trabalhadores mais velhos é muito semelhante, e o que difere um grupo do outro é a taxa de entrada no desemprego, a qual, para jovens, é muito maior. Decompomos a taxa de entrada no desemprego e constatamos que a parcela de jovens que está entrando na força de trabalho e procurando o primeiro emprego não é tão significativa como a grande maioria que está entrando no desemprego via emprego. Na quarta seção, ao testar as probabilidades de transição do mercado de trabalho, verificamos que, seja jovem ou adulto, o fator determinante da alta ou baixa taxa de desemprego é a transição do emprego.

Esses fatos indicam que os jovens apresentam uma alta rotatividade no mercado de trabalho, ou seja, trocam de emprego com mais frequência. Assim, a duração no emprego é que é baixa, e não a duração no desemprego que é alta. Com isso, então, já podemos responder a questão proposta na introdução desse estudo: será mesmo a dificuldade em obter o primeiro emprego que faz com que os jovens apresentem uma taxa de desemprego tão alta, ou será a alta rotatividade no mercado de trabalho juvenil? Constatamos que o principal motivo é a maior taxa de transição do emprego para o desemprego, ou seja, o jovem entra e sai de um emprego em um curto período de tempo. A dificuldade está, pois, em permanecer no emprego por um período de tempo mais longo, e não em encontrar o emprego, seja ele o primeiro ou não. Isso faz sentido, uma vez que o jovem está começando a trabalhar e é longo o tempo de busca de uma inserção estável no mercado de trabalho. Portanto, o jovem que já trabalhou é o principal responsável por uma taxa de desemprego tão elevada na sua faixa etária, e não o que nunca trabalhou e está em busca do seu primeiro emprego.

## Referências Bibliográficas

- AVELINO, R. R. G. (2001). *“Os Determinantes da Duração do Desemprego em São Paulo”*, Textos para Discussão, n. 11/2001, IPE/USP, São Paulo.
- BARROS, R. P., CAMARGO, J. M. & MENDONÇA, R. (1997). *“A Estrutura do Desemprego no Brasil”*, Rio de Janeiro, IPEA, Texto para Discussão, n. 478.
- BIVAR, W. S. B. (1993). *“Aspectos da estrutura do desemprego no Brasil: composição por sexo e duração”*, Rio de Janeiro: BNDES. 17º Prêmio BNDES de Economia. Tese (M) PUC-RJ.
- BLANCHFLOWER, David G. & FREEMAN, Richard B. (2000). *“The Declining Economic Status of Young Workers in OECD Countries”*, in David G. Blanchflower and Richard Freeman, eds. Youth Employment and Joblessness in Advanced Countries, NBER and University of Chicago Press.
- CENTERFOR/OIT (1997). *“El empleo y la capacitación para el empleo de jóvenes en América Latina”*, Montevideo, OJI/OIT.



- CHAHAD, J. P. Z. & FERNANDES, R. (2002). “*Unemployment insurance and transitions in the labor market: An evaluation of the Brazilian program*”, *Brazilian Review of Econometrics*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 2, p. 239-274.
- CLARK, Kim B. & SUMMERS, Lawrence H. (1982). “*The Dynamics of Youth Unemployment*”, in Richard Freeman and David Wise, eds. *The Youth Labor Market Problem: Its Nature, Causes and Consequences*, p. 199-235, Chicago: University of Chicago Press.
- CLARK, Kim B. & SUMMERS, Lawrence H. (1990). “*Unemployment insurance and labor market transitions*”, in L. H. Summers, *Understanding Unemployment*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- CORSEUIL, C. H. L. (1994). “*Desemprego: aspectos teóricos e o caso brasileiro*”, Rio de Janeiro: IPEA, abril (Série Seminários, 4/94).
- CORSEUIL, C. H. L., GONZAGA, G. & ISSLER, J. V. (1996). “*Desemprego regional no Brasil: uma abordagem empírica*”, Rio de Janeiro: IPEA, julho (Série Seminários, 09/96).
- CORSEUIL, C. H. L., SANTOS, D. D. & FOGUEL, M. N. (2001). “*Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina*”, *Revista Economia Aplicada*, vol. 5, n. 4.
- FERNANDES, R. & PICCHETTI, P. (1999). “*Uma Análise da Estrutura do Desemprego e da Inatividade no Brasil Metropolitano*”, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 29, n. 1.
- FISHER, A. (2001). “*The kids are all right*”, *Fortune*, 30/abr., vol. 143, i. 9, p. 28.
- FOUGÈRE, D., KRAMARZ, F. & MAGNAC, T. (2000). “*Youth employment policies in France*”, *European Economic Review*, vol. 44, i. 4-6, mai., p. 928-942.
- FREEMAN, R. B. (1979). “*Why is there a youth labor market problem?*”, NBER Working Paper, 365.
- KORENMAN, Sanders & NEUMARK, David (1997). “*Cohort crowding and youth labor markets: a cross-national analysis*”, NBER Working Paper, 6031, maio.
- LASSIBILLE, G., GÓMEZ, L. N., RAMOS, I. A. & SÁNCHEZ, C. O. (2001). “*Youth transition from school to work in Spain*”, *Economic of Education Review*, vol. 20, i. 2, ab., p. 139-149.
- LAYARD, R., NICKELL, S. & JACKMAN, R. (1991). “*Unemployment: Macroeconomic Performance and the Labour Market*”, Oxford University Press.
- LEIGHTON, Linda & MINCER, Jacob (1979). “*Labor Turnover and Youth Unemployment*”, NBER Working Paper, 378, agosto.
- MADEIRA, Felícia Reicher & RODRIGUES, Eliana Monteiro (1998). “*Recado dos Jovens: Mais Qualificação*”, in *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*, Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPDP), vol. 1, p. 427-496.

- MENEZES-FILHO, N. & PICCHETTI, P. (2000). “*Os Determinantes da Duração do Desemprego em São Paulo*”, Pesquisa e Planejamento Econômico, vol. 30, n. 1.
- ROCHA, S. (1993). “*Metropolização da pobreza: uma análise nucleoperiférica*”, Perspectivas da Economia Brasileira. Rio de Janeiro: IPEA, vol. 2, p. 527-539.
- SARRIERA, J. C., CÂMARA, S. G. & BERLIM, C. S. (2000). “*Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados*”, Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, n.1, Porto Alegre, PUC-RS.
- SHIMER, Robert (1999). “*The Impact of Young Workers on the Aggregate Labor Market*”, NBER Working Paper, 7306, agosto.
- SILVA, N. D. V. (2001). “*Jovens brasileiros: o conflito entre estudo e trabalho e a crise de desemprego*”, Piracicaba. 131 p. Tese (Doutorado) ESALQ/USP.